

Brasil: passado e futuro

ROMEU CHAP CHAP

O findar e o alvorecer de um período convencional de tempo nos dão a sensação do término e do começo de uma nova etapa. Estamos no limiar do "ponto zero" de um novo ano, ocasião em que nós — brasileiros — nos quedamos a meditar sobre os rumos de nosso futuro político e sócio-econômico. Vivemos tempos de expectativa, de perplexidade, de certa angústia, mas também de esperança. Somos um País vigoroso, cuja potencialidade pode ser medida pela resistência oposta à longa seqüência de suas crises.

O País não foi passivo no decorrer de tantos anos. Ele foi, antes de tudo, paciente. Não deixou de trabalhar e de produzir, apesar da ação perversa de seu renitente processo inflacionário, das mazelas de maus governantes e da atuação de parlamentares indignos. Todavia, temperada em tempos tão difíceis, a consciência nacional passou a sofrer grandes transformações.

Nosso povo parece ter-se enjoado de ser apenas paciente e trabalhador. Passou a sentir a necessidade de forçar a mudança de rumos de sua Pátria. As injúrias à ética e à moral, hoje expostas ao nosso nojo e à nossa vergonha, nos induzem à expectativa

de saneamento da gestão pública. As forças produtivas do País passam a reclamar definições e modernidades dos governos, robustecidas pelo abandono do conceito de dependência governamental. A imprensa e as entidades representativas da sociedade tornaram-se eficazmente vigilantes e ativas na defesa do patrimônio físico e moral da Nação.

Sente-se que o Brasil amadurece nos seus sentimentos de amor próprio, na exigência de respeito à sua dignidade, renegando imagens negativas, na procura da fixação definitiva de sua verdadeira identidade. Não há dúvidas de que se formou um estado de espírito e um clima de expectativa singular em nosso País, quanto ao que pode aqui ocorrer de positivo a partir de agora. Nossas autoridades passaram a ser mais exigidas; a prática política se tornou fiscalizada; os procedimentos não recomendáveis estão de quarentena e devem se tornar menos comuns no futuro; a transparência das ações e das omissões governamentais ficou estabelecida. Elevou-se a voz da sociedade. Está se definindo o contexto apropriado a uma arrancada firme e contínua para a retomada de nosso desenvolvimento.

Porém não se pode esperar resul-

tados milagrosos e de curto prazo. Temos que aprender com a natureza, onde nada se cria e nada se desenvolve como que por encanto. Não mais nos podem impingir passes de magia, como a extinção da inflação por decreto, a ridícula pretensão de nos transformarmos num Japão ou numa Suíça da noite para o dia. Nenhum país alcançou sua prosperidade sem enfrentar os mais árduos desafios com perseverança e sacrifício.

Pretensões políticas não podem priorizar a demagogia ou o supérfluo, nem antecipar resultados inconsistentes, em detrimento do interesse nacional. O brasileiro nunca foi tão receptivo à necessidade de enfrentar sua realidade, como agora. Nossa longa crise parece que apodreceu. Caiu de maduras e sedimentou a terra para o crescimento de nossos frutos. Sabemos estar entre o término e o começo de eras diferentes, independentemente do que possam significar as datas de nosso calendário.

■ **Romeu Chap Chap** é presidente da FIABCI/BRASIL — Federação Internacional das Profissões Imobiliárias, e vice-presidente da ABRASCE — Associação Brasileira de Shoppings Centers